COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora

THAÍSA SOUZA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE COM E NA NATUREZA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOMOTRICIDADE

Rio de Janeiro
2023

THAÍSA SOUZA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE COM E NA NATUREZA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOMOTRICIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade Educacional.

Orientadora: Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

Rio de Janeiro

2023

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Thaísa Souza da
A importância do brincar livre com e na natureza no cotidiano da educação infantil sob a perspectiva da psicomotricidade / Thaísa Souza da Silva. - Rio de Janeiro, 2023.

48 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer.

1. Psicomotricidade – Estudo e ensino. 2. Educação infantil – Estudo e ensino. 3. Natureza. 4. Brincadeiras. I. Schaefer, Katia de Souza e Almeida Bizzo. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 152.385

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Thaísa Souza da Silva

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR LIVRE COM E NA NATUREZA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA DA PSICOMOTRICIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Psicomotora, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Psicomotora.

Aprovado em: 30 de outubro de 2023.

Dra. Katia de Souza e Almeida Bizzo Schaefer (Orientadora)
Colégio Pedro II

Ma. Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello
Colégio Pedro II

Ma. Camila da Silva Perrotta
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2023

Dedico este trabalho à minha avó Hosana (in memoriam), meu exemplo de fé e alegria, minha grande incentivadora.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida, por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados durante o percurso dessa formação e por me permitir mais essa conquista.

À minha família, que sempre está ao meu lado, me apoiando e incentivando a estudar cada vez mais. Em especial, ao meu filho Benjamin, que é a inspiração na minha vida e que, mesmo muito pequeno, compreendeu a minha ausência enquanto eu me dedicava a essa formação.

À minha amiga, Maria Fernanda Marques, pela parceria nos estudos e incentivo a realizar essa formação.

Aos professores do Curso de Pós-graduação em Educação Psicomotora do Colégio Pedro II, que compartilharam conosco muitos saberes e experiências ao longo do curso.

Meus agradecimentos também à turma seis, pela troca de conhecimentos e experiências, e aos amigos que tive o prazer de conhecer no curso; em especial, a minha dupla, Shirley Miranda, amiga que a pós me deu de presente para a vida toda, que fez toda a diferença durante a formação, que nunca me deixou desistir.

À minha orientadora, Katia Bizzo, pela paciência, contribuição e os bons afetos que muito me inspiraram.

Às minhas crianças tão queridas, que venho acompanhando durante esses últimos três anos, que são minha fonte de inspiração diária.

Às minhas companheiras de trabalho do EDI Professora Valéria, em especial, à minha amiga, Simone Cristina, que embarcam nas minhas ideias e aventuras com as crianças.

Encantar-se com a beleza do dia, brincar na chuva, comer goiaba tirada do pé, ouvir o canto de um pássaro, observar as nuvens brincando no céu... Cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural.

Tiriba, 2022.

RESUMO

SILVA, Thaísa Souza da Silva**. A importância do brincar livre com e na natureza no cotidiano da Educação Infantil sob a perspectiva da Psicomotricidade,** 2023, 50f. trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró- Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2023.

As crianças sentem o desejo de estar em contato com o mundo natural e gostam de brincar com a natureza. O presente estudo tem como objetivo refletir, pela perspectiva da Psicomotricidade, a importância do brincar livre e o contato com a natureza no cotidiano da Educação Infantil. Esta se faz necessária, pois revela a necessidade de os profissionais compreenderem o quanto são importantes, para o desenvolvimento global das crianças, os momentos privilegiados de brincar livre em contato com a natureza e seus elementos. O estudo se deu a partir das reflexões que ocorreram diante o diálogo entre uma pesquisa bibliográfica e as narrativas rememoradas de um cotidiano já vivenciado com as crianças no próprio ambiente de trabalho da autora. Dessa forma, são apresentados as reflexões e os possíveis caminhos, a partir, das contribuições de Tiriba (2022), Mastrascusa e Franch (2016) e Winnicott (2019). Como conclusão, foi percebido que o brincar livre com e na natureza no cotidiano da Educação Infantil potencializa as vontades dos corpos das crianças que estão em pleno desenvolvimento. Espera-se que o presente trabalho seja uma inspiração para educadores e psicomotricistas, possibilitando novas perspectivas de trabalho no cotidiano da Educação Infantil.

Palavras-chave: psicomotricidade; natureza; brincar; educação Infantil.

ABSTRACT

SILVA, Thaísa Souza da Silva**. The importance of free play with and in nature in everyday Early Childhood Education from the perspective of Psychomotricity,** 2023, 50f. Specialization Course Completion Activity (Specialization in Psychomotor Education) – Colégio Pedro II, Pró- Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2023.

Children feel the desire to be in contact with the natural world and enjoy playing with nature. The present study aims to reflect, from the perspective of Psychomotricity, the importance of free play and contact with nature in the daily life of Early Childhood Education. This research is necessary, as it reveals the need for professionals to understand how important moments of free play in contact with nature and its elements are for the overall development of children. This study takes place based on the reflections that occur in the dialogue between a bibliographical research and the narratives recalled from a daily life already experienced with children in my own work environment. The work presents reflections and possible paths, based on the contributions of Tiriba (2022), Mastrascusa and Franch (2016) and Winnicott (2019). In conclusion, it was noticed that free play with and in nature in the daily life of early childhood education, enhanced the desires of children's bodies that are in full development. It is hoped that this work will be na inspiration for educators and psychomotorists, enabling new perspectives of work in the daily life of Early Childhood Education.

Keywords: psychomotricity; nature; to play; child education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Experiências com flores e água 31
FIGURA 2 – Observando o céu 34
FIGURA 3 – Brincando com a luz do sol 34
FIGURA 4 – Brincadeiras com a água 35
FIGURA 5 – Experiências com a água 36
FIGURA 6 – Bons encontros na água 37
FIGURA 7 – Experiências com a Terra 39
FIGURA 8 – O encontro com a minhoca 41
FIGURA 9 – A minhoca 41
FIGURA 10 – Brincando com as poças de água da chuva 42
FIGURA 11 – Brincando com a sombra 43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM SEUS PRÓPRIOS CORPOS COM OUTROS CORPOS E COM O ESPAÇO ENQUANTO BRINCAM LIVREMENTE 14
2.1 O brincar livre no espaço escolar 15
2.2 Aspectos legais sobre o brincar na relação com seus próprios corpos, com outros corpos e com o espaço 18
3 A RELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E NATUREZA 22
4 PRÁTICAS PSICOMOTORAS NA RELAÇÃO COM E NA NATUREZA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO 29
4.1 Relatos de experiências com e na natureza: rememorando a minha prática 30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 45
REFERÊNCIAS 47

1 INTRODUÇÃO

Pois ninguém será capaz de amar o que não conhece;
ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual
não convive.

Tiriba, 2022, p. 200.

Pensar a relação do corpo, o brincar livre e o contato com a natureza foi algo que me encantou durante as aulas da disciplina de Introdução à Psicomotricidade do Curso de Pós-Graduação em Educação Psicomotora do Colégio Pedro II. Durante a minha graduação em Pedagogia, esta temática foi pouco discutida. Após as aulas na pós-graduação e juntamente com as minhas observações, como professora de Educação Infantil, percebi a necessidade de fundamentar teoricamente a minha prática e de estudar mais sobre o brincar livre, a criança e seu corpo e a relação deles com o contato com o mundo natural dentro do espaço escolar. A pesquisa sobre este tema é de suma importância diante da nossa realidade atual, na qual as crianças estão se distanciando cada vez mais, por diversos motivos, do contato com a natureza e da oportunidade de brincar livremente. Levando essa temática para os ambientes escolares, a pesquisa se faz ainda mais necessária diante da potência das experiências do brincar livre com e na natureza pelo olhar da Psicomotricidade.

Dessa forma, escrevi este trabalho tendo como objetivo refletir sobre a importância do brincar livre com e na natureza no cotidiano da Educação Infantil a partir das minhas vivências junto com a minha turma em um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) na zona norte do Rio de Janeiro, nos anos de 2021 e 2022, onde o brincar livre e o contato com a natureza fizeram parte da rotina do grupo.

Para dar conta do tema, a pesquisa foi constituída pelo entrecruzamento de duas metodologias: pesquisa bibliográfica e pesquisa narrativa. Nessa perspectiva, a metodologia narrativa (GUEDES; RIBEIRO, 2019), que é uma das possibilidades de investigação para a experiência educativa, se efetivou a partir da minha observação enquanto as crianças brincavam com e na natureza e da análise das fotos do meu acervo pessoal a partir do que era discutido nas aulas do Curso de Pós-Graduação.

Através da pesquisa narrativa o docente pode compartilhar o modo como ele e as crianças viveram as suas experiências. Sendo assim, a pesquisa narrativa torna-se uma das possibilidades na qual o docente pode narrar e recontar o que de fato viveu durante a experiência, como rememoração do vivido. Portanto, não se trata de uma pesquisa que se baseia no observado a partir do projeto de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas, sim, de uma pesquisa que acontece a partir das reflexões que ocorrem diante o diálogo entre uma pesquisa também bibliográfica e as narrativas rememoradas de um cotidiano já vivenciado com as crianças no meu próprio ambiente de trabalho.

De acordo com a perspectiva de uma investigação narrativa, Guedes e Ribeiro (2019, p. 28) afirmam que:

> Estamos falando, portanto, de uma pesquisa que possa ser escrita e vivenciada em primeira pessoa, que possa dizer algo do eu que investiga, ser revestida e investida da palavra própria, do percurso singular. Sim, uma ação investigativa que nos é e no qual nós somos, com face, sangue, corpo e ossos: experimentação, sensibilidade, presença, atenção, escuta, acompanhamento e uma sorte de gestos que conformam uma pesquisa em primeira pessoa, Isto é, uma pesquisa que tenha, ela mesma, a autoria como marca e modo de caminhada, de habitar o fazer investigação.

Nas palavras de Guedes e Ribeiro (2019), narrar é uma dimensão fundamental da comunicação humana. Ou seja, a narrativa faz parte da essência de todos nós, seres humanos. E, assim, considerando essa perspectiva da pesquisa narrativa no âmbito educacional, retomo as contribuições de Guedes e Ribeiro (2019, p. 38): “[...] considerar a voz dos professores nas pesquisas narrativas, biográficas e autobiográficas é possibilitar a evocação da própria história, valorizando a experiência humana e reconhecendo aí uma inestimável riqueza para o conhecimento”.

Para além disso, durante o processo de uma pesquisa narrativa, é possível acompanhar e refletir sobre todo o processo e não apenas sobre o resultado final de uma experiência.

Portanto, através da pesquisa narrativa, podemos valorizar o percurso docente e compreender os caminhos da investigação e a compreensão de novos percursos. Narrar as experiências vividas com as crianças nos faz revisitar

acontecimentos que contribuem para redimensionar o fazer educativo, refletir sobre ele e rever formas de agir e planejar com as crianças.

Com isso, a pesquisa narrativa apresenta um caminho metodológico no qual o foco não é a criança ou o professor, mas o acontecimento e sua importância para repensar as práticas pedagógicas que, neste trabalho, se dão no cotidiano da Educação Infantil.

Junto com a pesquisa narrativa, também há a pesquisa bibliográfica. Como referencial teórico, no campo da Psicomotricidade, mais especificamente no diálogo com os estudos da Psicomotricidade Relacional no ambiente escolar, Matrascusa e Franch (2016) foram os principais interlocutores. No campo da Psicanálise, os estudos teóricos de Winnicott (2019) sobre o brincar ampliou as reflexões; e, na literatura voltada à criança e à natureza, Piorski (2016) e Louv (2016) compartilham saberes essenciais para esta pesquisa, junto às contribuições referentes à Educação Infantil com o foco na relação com a natureza da autora Tiriba (2022).

Schaefer (2021), Quintão (2019), Bazílio e Schaefer (2021) e Susano (2019) acrescentaram saberes na interlocução da Psicomotricidade com a Educação Infantil com o foco no brincar com e na natureza.

Assim, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de apresentar reflexões que convidam os profissionais que atuam na Educação Infantil a buscarem novos caminhos possíveis que levem as crianças cotidianamente a se reconhecerem como parte da natureza, estabelecendo, através do brincar livre, relações mais saudáveis, respeitosas e potentes nos corpos e com os corpos dentro do espaço escolar.

Como objetivos específicos, houve a intenção de refletir, pela perspectiva da Psicomotricidade, a importância do brincar livre e o contato com a natureza no cotidiano da Educação Infantil para o desenvolvimento psicomotor das crianças; pesquisar teorias que embasem a importância do brincar livre com e na natureza no âmbito educacional; e observar a relação das crianças com seus próprios corpos, com outros corpos e com o espaço enquanto brincam livremente.

Foi assim que este trabalho se constituiu com dois capítulos de desenvolvimento. O primeiro trata das reflexões sobre o brincar livre dentro dos espaços de Educação Infantil, com base nos estudos de Winnicott e nos

aspectos legais nacionais que garantem o brincar como direito fundamental dentro dos espaços escolares. O segundo apresenta a relação entre a natureza e o desenvolvimento psicomotor, dialogando com estudos teóricos do campo da Psicomotricidade Relacional e do campo da Educação Infantil. Em seguida, apresento relatos da minha prática como professora de educação num Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) da SME/RJ. Por fim, diante do estudo realizado, a pesquisa tem a pretensão de inspirar educadores e psicomotricistas, viabilizando novas perspectivas no cotidiano da Educação Infantil que contemplem as vontades e desejos dos corpos das infantis.

2 RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM SEUS PRÓPRIOS CORPOS, COM OUTROS CORPOS E COM O ESPAÇO ENQUANTO BRINCAM LIVREMENTE

A vida de cada um está inscrita em seu corpo, em suas atitudes, em sua forma de se relacionar com novas aprendizagens, com outros indivíduos, consigo mesmo e com o ambiente em que se encontra.

Schaefer, 2021, p. 17.

A epígrafe que inicia o capítulo revela a potência do corpo como base para as aprendizagens. De acordo com Susano (2019, p. 88), “o corpo é o principal instrumento de conhecimento, afetos e aprendizagens sobre o mundo”. Com base nessa afirmação, podemos considerar que é através das experiências e afetos sentidos pelo corpo que nos desenvolvemos. A cada experiência, as crianças estão se desenvolvendo. As práticas psicomotoras visam olhar para os indivíduos em sua integralidade. Não existe corpo separado da mente. O ser humano é motor, é cognição, é emoção, é afeto, é natureza. Nessa perspectiva, o corpo é entendido como a principal via de desenvolvimento psicomotor.

Pensar em Educação Infantil pelo viés da Psicomotricidade é pensar em uma educação que valoriza o corpo, entendendo que, através dos movimentos, as crianças aprendem, se desenvolvem e se comunicam. As práticas psicomotoras assumem um papel de mediação entre o corpo e as suas possibilidades.

No cotidiano da Educação Infantil é possível manter diálogo com as práticas psicomotoras através da relação das crianças com a natureza e seus elementos. A natureza é tão rica e tão diversa que proporciona as crianças uma diversidade de vivências. De acordo com Susano (2019, p. 89):

> O brincar na/com a natureza deixa marcas profundas no corpo da criança (e do adulto) e revela formas de construir sensações corpóreas, características do ambiente natural, o que faz com que as brincadeiras ao ar livre, o movimento espontâneo e as explorações pelas crianças envolvidas em contato com a natureza ampliem e possibilitem o desenvolvimento harmônico das estruturas psicomotoras.

Diante dessa perspectiva, podemos perceber que as experiências com a natureza proporcionam muitas possibilidades de desenvolvimento das estruturas psicomotoras que caminham junto às aprendizagens e aos afetos.

Neste capítulo, apresento a importância do brincar livre no cotidiano dos espaços escolares, a partir da contribuição do pediatra e psicanalista Winnicott. Ao brincar, a criança se move, aprende, se relaciona com os adultos e crianças e conhece a si mesma ao expressar suas vontades. Dialogando com os estudos de Winnicott (2019), temos a Psicomotricidade que também faz menção a importância do brincar livre para o desenvolvimento infantil. Em seguida, abordo sobre os aspectos legais nacionais que garantem o direito dentro dos espaços escolares.

2.1 O brincar livre no espaço escolar

Nas palavras de Schaefer (2021, p. 64), “Brincar remete ao prazer, à entrega, à disponibilidade, à alegria”. Winnicott (2019, p. 70), destaca que “o natural é o brincar [...] Dificilmente é necessário ilustrar algo tão óbvio quanto o brincar”. Diante dessas citações, entende-se que o brincar é uma ação natural a todos os seres humanos. Brincar faz parte da essência de todos nós, desde o nascimento.

Winnicott (2019, p. 75) destaca que “o brincar das crianças possui tudo por si só”. Através do brincar a criança está vivenciando a dimensão integral do seu corpo. O mesmo fica todo envolvido na brincadeira e na potência criadora. Ao brincar, a criança está criando, sentindo prazer e vivendo experiências corporais.

Assim, aponta Winnicott (2019,p. 70), ao escrever sobre o brincar, que: “[...] a brincadeira que é universal e que é própria da saúde; o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação”. O brincar nos leva à saúde. Por isso é muito importante observar as crianças. Quando uma criança não brinca, algo de errado pode está acontecendo e necessita ser investigado, porque brincar é vida! É vida que se comunica por todos os sentidos; “perpassa o tato, o olfato, a audição e o paladar”. (PIORSKI, 2016, p. 85). Nas palavras de Piorski (2016, p. 10), “O livre brincar e, em especial, o contato com a materialidade

advinda da natureza são as ferramentas essenciais para esse mergulho nos sentidos.”.

No cotidiano da Educação Infantil, o brincar deve ter espaço privilegiado e garantido diariamente. O brincar proporciona inúmeros benefícios ao desenvolvimento infantil, tornando-se fundamental tanto para o desenvolvimento das crianças, como para o seu aprendizado. Quintão (2019, p. 27), educadora e psicomotricista, complementa que “O brincar livre se faz importante no desenvolvimento infantil, pois contribui para a formação do indivíduo em diferentes aspectos com ênfase para o pensamento livre e criativo.”.

No campo da Psicomotricidade Relacional, Mastrascusa e Franch (2016, p. 160) destacam que o brincar é um dos componentes psicoafetivos da aprendizagem e afirmam que, “Na criança, a brincadeira é a mola mestre de seu desenvolvimento, de suas experiências com o mundo, colocando em jogo sua criatividade, sua experiência, sua expressividade psicomotora”. Dessa forma, o brincar proporciona momentos privilegiados de trocas entre as crianças dentro do espaço escolar, fortalecendo vivências sociais, trocas e descobertas.

Para além da importância e do valor do brincar, é fundamental entender que não se trata de qualquer brincar, mas, sim, de um brincar livre, no qual a criança pode criar regras, ações, propostas, explorar, mudar as regras, se movimentar, ser livre. A brincadeira livre é de suma importância e fundamental para o desenvolvimento infantil, pois favorece, dentre muitas coisas, a sensibilidade, a criatividade, a imaginação. É através do brincar livre que a criança também vivencia seus primeiros desafios e descobertas. De acordo com Louv (2016, p. 70), “O tempo para brincar – em especial o brincar livre, não estruturado e exploratório – é cada vez mais reconhecido como componente essencial do desenvolvimento infantil saudável.”.

O brincar livre dentro dos espaços escolares é carregado de sentidos e significados tanto pelas crianças, quanto pelos docentes envolvidos nessa experiência. Por isso, é fundamental que os educadores também se permitam brincar com as crianças.

Para Piorski (2016, p. 74), “no brincar, todo o corpo é espaço de ser”. As crianças quando brincam, elas brincam de corpo inteiro.

O brincar é direito das crianças e as brincadeiras precisam fazer parte do cotidiano das escolas em diferentes contextos e formatos. O brincar tem relação

com o corpo e com as aprendizagens. Como apresentam Silva, López-López e Thomaz (2020, p. 38), “O brincar compreende o movimento lúdico do corpo. A aprendizagem também pode acontecer nesses momentos onde o corpo parece mover-se despretensiosamente”.

Segundo Winnicott (2019), o brincar existe desde os primeiros meses de vida. E é através do brincar que a criança vai se constituindo. Ao brincar com o corpo, o bebê vai tendo suas primeiras experiências relacionadas ao brincar. Susano contribui com essa ideia (2019, p. 90):

> A partir do seu nascimento, o bebê estabelece uma intensa relação corporal com o mundo externo. Seu primeiro contato com o brincar na/com a natureza é pelo corpo da mãe, já revelando, desde então, uma condição humana natural de buscar a brincadeira para efetivar suas relações.

O brincar é essencial ao desenvolvimento infantil. A brincadeira livre e espontânea é uma das formas de interagir e descobrir o mundo. É brincando que a criança inventa, constrói, se expressa e amplia o seu repertório imaginativo. Segundo Schaefer (2020, p. 242), “é no brincar, então, que lemos o mundo e o recriamos com as nossas condições”. É através do brincar que a criança vai compreendo a sua cultura, constrói significado e vai se desenvolvendo.

Além disso, cabe ressaltar que a brincadeira é a principal atividade na cultura das infâncias. O ato de brincar é um ato criativo. O brincar sempre é uma criação que leva ao prazer. Winnicott (2019, p. 88) destaca que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.”.

No momento da brincadeira, no momento que está vivendo o brincar, a criança está se satisfazendo e se movimentando. Durante o brincar livre, as crianças exploram seus movimentos de variadas formas e exploram materiais e o espaço e, assim, através do brincar, vão desenvolvendo suas estruturas psicomotoras. Thomaz (2019, p. 24), compartilhando da mesma ideia, afirma que é “[...] o movimento como vida e, assim, podemos perceber a escola como um espaço para movimentar-se, um espaço não só para viver, como, principalmente, para viver em alegria”. O brincar não pode ser garantido apenas na hora do recreio ou na hora do parquinho. O brincar não deve ter hora marcada para acontecer nos espaços escolares.

O brincar deixa marcas no corpo. O brincar livre é um caminho possível no desenvolvimento das estruturas psicomotoras, pois o brincar é carregado de sentidos, significados e ações corporais (SUSANO, 2019, p. 86).

É preciso ter um olhar e escuta sensível para esse corpo que está falando através dos movimentos e da sua expressão corporal. Sendo assim, é de suma importância olhar para as brincadeiras das crianças. É através do brincar que as crianças revelam suas demandas e desejos. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Winnicott (2019, p. 84) diz que:

> É bom recordar que o brincar é por si mesmo uma terapia. Conseguir que as crianças possam brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar.

Brincar é vida, é movimento, é encontro, é relação, é expressão, é satisfação, é alegria e potência. Devemos valorizar o brincar como o principal meio de comunicação da infância. É através do brincar que as crianças descobrem e sentem o mundo que as cercam criando, se descobrindo e conhecendo o mundo ao seu redor.

2.2 Aspectos legais sobre o brincar na relação com seus próprios corpos, com outros corpos e com o espaço

A Educação Infantil no Brasil vem ganhando cada vez mais visibilidade no cenário educacional. Durante muito tempo, a educação de crianças bem pequenas esteve marcada pelo assistencialismo nas creches e pela escolarização nas pré-escolas.

Como orientação nacional, obrigatória para a Educação Infantil, temos um documento (BRASIL, 2009) que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). São nas diretrizes que são apresentados os fundamentos norteadores para a organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil. Sobre isso, Tiriba (2022, p. 277) aponta que “As DCNEI/2009 são referências importantes porque apresentam algumas definições que aproximariam as práticas pedagógicas de um novo paradigma de convívio sustentável entre os seres humanos e a natureza.”.

As DCNEI (BRASIL, 2009, Art. 3º) definem currículo como

> conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral da criança.

Mesmo assim, ainda hoje, há muitas instituições de Educação Infantil que continuam presas à lógica da produtividade, de compensação, com práticas assistencialistas ou escolarizantes, com foco apenas na mente, esquecendo-se do restante do corpo como se corpo e mente fossem algo separado.

As crianças pequenas estão em desenvolvimento pleno, elas não nascem falando e é através das interações com outras crianças e adultos que vão ampliando o seu vocabulário. Como ainda não falam com bastante propriedade, a principal comunicação é através das expressões corporais, dos gestos e do tônus que muitas vezes mostram o que estão sentindo e percebem os outros sujeitos com quem convivem. Pensando nisso, cabe a reflexão: que lugar ocupa o corpo num espaço de Educação Infantil? Será que ocupa o espaço onde crianças possam movimentar seu corpo livremente, sentindo e expressando, se movendo? Ou são exigidos que os corpos das crianças sejam paralisados e aprisionados em cadeiras, por exemplo?

O corpo se move, se relaciona, sente e expressa. Esse é o mecanismo de comunicação dos seres humanos, é a fonte das nossas aprendizagens e, quanto menos linguagem verbal, mais a comunicação se dá pelo movimento, gestos e expressões. A mente não está separada do corpo; corpo e mente fazem parte da mesma unidade. Isso tem toda relação com a Psicomotricidade, pois essa ciência entende que o desenvolvimento se dá na integralidade do corpo em todas as suas dimensões. Tiriba (2022, p. 247) enfatiza o quanto é importante que as pessoas tenham consciência sobre o seu corpo e seus movimentos:

> *O corpo é mais do que um portador de uma mente raciocinadora, ou mais que uma máquina a serviço de uma engrenagem produtiva. Assim, uma escola comprometida com uma transformação social, que tenha a qualidade de vida como perspectiva, dirá sim às verdades do corpo.*

A ideia desse corpo integral vai ao encontro do artigo 9º das DCNEI (BRASIL, 2009), que destaca que as interações e as brincadeiras são os eixos

norteadores do trabalho na Educação Infantil, enfatizando a importância do brincar e das interações para o desenvolvimento pleno das crianças.

O mesmo artigo também destaca as experiências que devem ser garantidas no currículo da Educação Infantil, valorizando as vontades do corpo e potencializando a garantia de diversas experiências, entre elas: as experiências sensoriais, expressivas, corporais, a exploração e o conhecimento sobre a natureza (BRASIL, 2009, Art. 9º).

As diretrizes nos mostram caminhos diante de realidades diversas. Nesse sentido, entendendo que o brincar é natural do ser humano e observamos que as crianças se desenvolvem nas interações com outras crianças, com adultos, com o espaço, com os materiais, nas relações e nas vivências cotidianas e, sobretudo, nas brincadeiras. Por isso, ao pensar em uma educação saudável e potente, fica impossível desconsiderar o brincar no contexto escolar.

Para ampliar as argumentações, Schaefer (2020, p. 248) diz que

> [...] é preciso estarmos abertos a escutar o que as crianças dizem, atentos aos seus desejos e à possibilidade de fazermos com que elas encontrem espaços de realização, quando esses desejos demonstram coadunar com a busca por uma vida mais saudável.

Fazer cumprir as DCNEI implica trabalhar no sentido da constituição de respeito às infâncias, nas quais as crianças sejam respeitadas não somente como cidadãs de direito, mas também como seres orgânicos, desejantes, sujeitos de afeto, de sensibilidade, de conhecimento, que exigem cuidados em todas as suas dimensões: corporais, emocionais, cognitivas, espirituais, culturais.

De acordo com Thomaz (2019, p. 15), professora de Educação Infantil e psicomotricista, ter conhecimento da legislação é muito importante para os docentes, pois: “A legislação e os documentos legais são de suma importância para dar fundamento ao trabalho educativo nas instituições escolares. Elas nos permitem afinar nossas perspectivas a nível municipal, estadual e federal.”.

As leis garantem as experiências que priorizam a atenção ao corpo e as experiências com e na natureza. Os professores precisam se apropriar desses documentos legais direcionados à Educação Infantil, pois só assim será possível possibilitar, de fato, experiências que escutem as crianças por inteiro e legitimar

o direito delas de brincar na/com a natureza no cotidiano dos espaços escolares. As crianças tem direito de brincar e esse direito não pode ser negligenciado, principalmente nos espaços de Educação Infantil.

3 A RELAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E NATUREZA

As crianças, principalmente elas, se expressam com o corpo todo. A todo momento, elas estão sentindo o corpo e precisam externalizar de alguma forma. Para Mastrascusa e Franch (2016, p. 110),

> A criança sabe muito bem, pois seu desejo de correr, pular, rir, brincar, rolar, subir em obstáculos, ficar de cabeça para baixo e se divertir é natural e espontâneo. Todas suas células estão em movimento, crescimento, com sede de aprendizagem.

É através do corpo que as crianças demonstram suas emoções e sensações. Por isso, não podemos dissociar o corpo da mente. A mente não é separada do corpo, ela faz parte do corpo e está interligada a todos os acontecimentos e afetos corporais, mas, infelizmente, essa lógica dicotômica, que divorcia corpo e mente, ser humano e natureza, ainda não foi superada. De acordo com Mastrascusa e Franch (2016, p. 157), como crítica a essa lógica muito presente no processo educativo nas escolas,

> O corpo ainda não faz parte do aprendizado escolar, permanecendo fora do contexto das aprendizagens. No máximo, ele deve ser colocado em movimento para que a criança “gaste” a energia acumulada, para, então, produzir conhecimento.

Os autores fazem essa afirmação exatamente para criticar esse pensamento dicotômico e falacioso tão comum na sociedade.

Para a Psicomotricidade, o corpo é o nosso principal mecanismo de comunicação, é a matriz de todas as nossas aprendizagens e a fonte de nossas aquisições. É através da experiência do corpo na relação consigo mesmo, com o outro e com o ambiente que a experiência cognitiva também vai se desenvolvendo.

Sendo assim, o desenvolvimento psicomotor parte das experiências práticas e corporais vivenciadas pelas crianças. E é através das interações e das brincadeiras que as crianças vivem o seu corpo, realizam trocas de olhares, de afetos e de aprendizagem.

Mastrascusa e Franch (2016, p. 111) acrescentam que “Vislumbramos um corpo integrante da globalidade do ser humano, um corpo agindo, um corpo ator

atuante, vivo, portanto, constituído por meio das relações do sujeito com o – CORPO-SUJEITO.”.

Para enriquecer às reflexões sobre o corpo que não se separa de sua mente e que é brincante, é importante considerar o valor das interações e brincadeiras com e na natureza dentro do contexto escolar.

Tais propostas de interação com ambientes, elementos e fenômenos naturais podem parecer desafiadoras, levando em consideração o modelo de escola que conhecemos historicamente, contudo, oportunizar o contato dos bebês e das crianças com a natureza nos espaços escolares não é impossível a partir do momento que nos reconhecemos como natureza também. Além disso, o contato com a natureza não é só o contato com a terra e com as árvores, a natureza é tão rica e potente que se apresenta com seus diversos elementos. Brincar com a natureza, além de tender a ser bom, é gratuito e pode ser muito divertido.

Somos Natureza! Nós precisamos do contato com a natureza tanto quanto a natureza precisa de nós. Nas palavras de Perrotta (2019, p. 17), “nós somos natureza, apesar de estarmos nos distanciando dela. As crianças ainda buscam esse contato e demonstram esse fascínio pela natureza, como parte de seu próprio ser.”.

Tiriba (2022, p. 141) problematiza que “É o exercício de convívio com o mundo natural e a vivência de outras relações de produção e de consumo que possibilitará às crianças se constituírem como seres não antropocêntricos, que saibam cuidar de si, dos outros, da Terra.”. E, assim, precisamos refletir sobre o lugar do corpo e da natureza dentro dos espaços escolares. Nosso corpo é a nossa primeira natureza, é o nosso primeiro habitat. A gente pensa, sente e aprende de corpo inteiro. Tudo passa pelo corpo, pelo diálogo corporal que transmite a experiência vivida pela criança. É pelo corpo que as crianças se comunicam.

Cabe acrescentar que as crianças estão começando a frequentar os espaços escolares cada vez mais cedo. Muitas dessas crianças passam grande parte do seu dia dentro dos espaços escolares. Considerando que a ida para o lado de fora, de espaços desemparedados, depende de vários fatores, pode-se inferir que essas crianças crescem entre paredes, sem contato com a natureza, como denuncia Tiriba (2022, p. 71).

Essa questão é preocupante, pois as crianças têm seus direitos desrespeitados todos os dias nos espaços escolares se o contato com a natureza não é garantido. “Respeitar o desejo de brincar com a natureza é respeitar um direito humano!” (TIRIBA, 2022, p. 202).

Como seria o cotidiano dessas crianças se nos espaços escolares elas tivessem mais tempo para brincar livre e estar ao ar livre? Será que as crianças se sentiriam felizes? Tiriba (2022, p. 84) vai mais além e questiona: “Por que as práticas escolares, já na creche, caminham na contramão do desejo das crianças? Que razões têm os adultos para organizar os espaços e o tempo como organizam?”.

Mesmo que seja por pouco tempo, as crianças precisam ter contato com o ar livre. Esse contato diário é uma maneira de criar vínculos com o que é natural. É nessa relação com o natural que as crianças poderão realizar as suas primeiras investigações, explorações, indagações e aproximação com a sua própria essência.

É dentro dos espaços escolares que as crianças precisam vivenciar experiências de qualidade e criação de vínculos com o mundo natural para aprenderem a preservar. Tiriba (2022, p. 251) destaca que “A escola é espaço de aprender a pensar, mas deve ser também espaço de aprender a sentir, relaxar, meditar, brincar, imaginar. Para isso vai ser necessário assegurar ao corpo o seu lugar.”.

As crianças precisam aprender o que é natureza e a sua importância para a preservação da espécie humana, de outras espécies e do ambiente. Se nesses espaços as crianças não tiverem contato com o mundo natural, como irão preservar o que não conhecem? Como ficará o corpo nessa relação?

Louv (2016) afirma que a maneira como as crianças entendem e vivenciam a natureza mudou radicalmente. Hoje, as crianças, desde muito pequenas, preferem ficar horas sentadas, fazendo mais uso de recursos tecnológicos do que brincando, interagindo com outras crianças, movimentando o corpo e explorando a natureza, por exemplo. Esse tipo de comportamento está cada vez mais presente no cotidiano das crianças e, como consequência, a distância entre as mesmas e o mundo natural tem se tornado cada vez maior. O autor afirma que “A relação se inverteu. Hoje as crianças têm noção das

ameaças globais ao meio ambiente, mas seu contato físico, sua intimidade com a natureza, está diminuindo.” (LOUV, 2016, p. 23).

O contato com a natureza é necessário desde sempre e para sempre. A necessidade desse contato com a natureza é sinônimo de saúde, de bem-estar e é vida. “Os corpos humanos, como o de todos os seres vivos, necessitam interagir com a natureza, ela é a sua fonte de energias.” (TIRIBA, 2022, p. 251). O contato com o verde das árvores e plantas, o canto dos pássaros, o cheiro da terra molhada pela chuva e o calor do sol sentido pelo corpo... são os melhores prazeres da vida.

De acordo com Louv (2016, p. 25):

> [...] no exato momento em que o vínculo entre a juventude e o mundo natural se rompe, um escopo cada vez maior de pesquisas conecta, de modo positivo, nossa saúde mental, física e espiritual à nossa associação com a natureza [...] assim como necessitam de uma boa alimentação e um sono adequado, as crianças também precisam de contato com a natureza.

No ambiente escolar, principalmente na Educação Infantil, o cuidar está muito presente. Existe uma grande preocupação com o banho e com a alimentação, mas dificilmente chama à atenção o fato das crianças ficarem muitas horas dentro das escolas, em salas de aulas fechadas, brincando com brinquedos de plásticos e eletrônicos, sem contato com o ar livre, sem contato com a água e a terra, sem sequer entenderem de onde vem a comida que comem, a água que bebem e que lavam suas mãos e rostos. Na contramão dessa lógica, a escola que queremos é aquela que nos reconecta com a teia da vida (SILVA; LÓPEZ-LÓPEZ; THOMAZ, 2020, p. 26). Uma escola que traga a alegria de viver a vida em harmonia com a natureza; a alegria de se reconectar com a vida no planeta, porque fazemos parte desse ciclo da vida.

Quintão (2019, p. 29) reforça esse questionamento, ampliando o contexto para as condições de trabalho que contribuem para distanciar pais e filhos em larga escala de tempo, afirmando que,

> sobretudo devido às jornadas de trabalho cada vez mais altas dos pais, é preciso pensar nos espaços das escolas como meio e talvez únicos momentos em que estas crianças tenham oportunidades de estar em contato com os elementos naturais.

As crianças têm o direito de brincar ao ar livre e de se relacionarem com a natureza. O direito é um princípio democrático que deve ser assegurado a todos. Se é direito das crianças, é sinal que o brincar e o contato com a natureza é bom para elas.

Pensando nisso, é importante que os educadores reflitam sobre esse direito no cotidiano dos espaços de Educação Infantil, levando em consideração que as crianças são o centro do planejamento pedagógico. Como Tiriba (2022, p. 251) ressalta, “requer que nossos planejamentos pedagógicos superem uma visão de educação enquanto processos intramuros, entre paredes.”.

O distanciamento do mundo natural dentro dos espaços escolares também está associado à sujeira, à doença e ao perigo. Conforme aponta Tiriba (2022, p. 86), “Num modo de organização social em que as crianças estão entregues, na maior parte do tempo, aos cuidados de uma instituição, o medo de doença pesa muito nas rotinas.”.

Em interlocução com esses estudos, a Medicina traz contribuições importantes através da Sociedade Brasileira de Pediatria que, junto ao Instituto Alana, divulgou um manual de orientações, abordando os benefícios do contato com a natureza para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. De acordo com esse manual (SBP, 2019, p. 4):

> Em relação à educação, enfrentamos inúmeros desafios no sentido de oferecer uma experiência significativa e valiosa para o aluno. Um deles é a necessidade de refletirmos e requalificarmos as práticas, a organização, as rotinas e o tempo escolar, reconhecendo o brincar e o aprender com a – e na – natureza como um dos elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida. Brincar na areia, subir em árvores, construir cabanas e encontrar os amigos ao ar livre são experiências importantes que permitem estabelecer conexões com a vida [...]. É preciso agir para evitar o empobrecimento do repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar.

Ainda, corroborando com essa mesma ideia, Louv (2016, p. 70) ressalta que:

> O brincar na natureza proporciona benefícios particulares, como o aumento da atividade corporal nas crianças, que para ele representa um presente em uma época de sedentarismos e sobrepeso. Brincar em playgrounds comuns em detrimento às árvores, pedras, terrenos não transformados em áreas naturais, tem suas diferenças. É o que mostra um estudo norueguês e

> sueco com crianças em idade pré-escolar. No período de um ano, os que brincavam em áreas naturais tiveram melhores resultados em testes de coordenação motora, especialmente em seu equilíbrio e agilidade.

As crianças vibram quando estão em contato com a natureza, demonstram alegria quando estão brincando com água e terra, a curiosidade fica ainda mais pulsante ao observarem os animais, o brincar se torna muito mais prazeroso ao ar livre e assim vai se criando uma relação de afeto a partir da experiência com o mundo natural.

Com base em diversos autores e estudos atribuindo a importância do contato com o mundo natural no desenvolvimento infantil, sobretudo os benefícios para a saúde e a qualidade de vida, é preciso refletir sobre essa necessidade das crianças e pensar nas possibilidades de favorecer essas experiências no cotidiano dos espaços de Educação Infantil, buscando tornar esses espaços lugares potentes e que respeitem os direitos das crianças. Nesse contexto, Bazilio e Schaefer (2021, p. 39) destacam

> [...] a urgência de os profissionais compreenderem o quanto a vida moderna distancia a criança de sua natureza, buscando, assim, caminhos que vão na contramão dessa lógica, com o intuito de reconexão que potencialize a prática e recupere nos corpos infantis o sentimento de pertencimento à natureza e de reconhecimento de si como parte desse ambiente.

Desse modo, é impossível ignorar essa condição vital ao desenvolvimento infantil. É preciso superar o quanto antes as práticas tradicionais e caminhar na contramão dessa lógica. Nesse processo, surge o brincar livre com/na natureza como a principal maneira de garantir os direitos das crianças e abrindo caminhos na busca de corpos saudáveis, numa perspectiva de Educação Infantil que potencialize as aprendizagens e o desenvolvimento psicomotor das crianças por meio das vivências na natureza no seu espaço de vida institucional.

Quintão (2019, p. 49) complementa:

> Tais problemáticas devem ser reflexões e inquietações contínuas dos profissionais que convivem com as crianças da Educação Infantil, pensar a respeito dos espaços de brincar livre na escola, na garantia de brincar com/na natureza nesses ambientes, lembrando que talvez sejam únicos espaços em que isso ocorra.

Muitas experiências com o brincar e a natureza podem e devem acontecer nos espaços escolares. A infância na escola, portanto, é vivida como um momento de brincar, se encantar, se descobrir e se divertir com a vida em contato com a natureza, com verdade e sentido. (PAULA; RICARDO, 2022, p. 75).

O brincar livre com a natureza é sinônimo de qualidade de vida. As brincadeiras e o contato com a natureza nos espaços escolares devem ser assegurados diariamente, não apenas na hora do parquinho. Afinal, entende-se que o brincar e a conexão com a natureza são indispensáveis para o desenvolvimento integral das crianças e conexão com a vida.

4 PRÁTICAS PSICOMOTORAS NA RELAÇÃO COM E NA NATUREZA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO

Só é possível preservar aquilo que amo, e só é possível amar aquilo com que me relaciono.

TIRIBA, 2022, p. 22.

Com base na epígrafe acima, Tiriba traz uma afirmação que é fundamental e urgente nas discussões no âmbito educacional. As crianças estão cada vez mais sendo engolidas pelo mundo tecnológico, pela internet, pelos jogos e estão se afastando do mundo natural. As crianças mantêm contato diário com o mundo virtual através das redes sociais, mas, muitas vezes, não sabem nomes de frutas, plantas ou animais.

Os espaços escolares são espaços privilegiados de desenvolvimento pelas experiências através do brincar. O brincar é a linguagem da infância e direito fundamental das crianças. É pelo brincar que podemos observar os interesses, desejos e necessidades das crianças.

Susano traz uma contribuição fundamental no que diz respeito à relação entre a natureza e o brincar na Educação Infantil:

> A relação entre natureza e o brincar na Educação Infantil se faz necessária para que busquemos a ressignificação de olhares e saberes nas relações estabelecidas entre a criança, a natureza e o educador que assim se constituem e se desenvolvem (SUSANO, 2019, p. 86).

Por isso, é preciso garantir no cotidiano da Educação Infantil tempo e espaço para o brincar livremente em contato com a natureza. Mesmo que o espaço não seja favorável a essas experiências, que seja preciso comprar terra e plantas, é importante garantir esses momentos ricos de afetos, proporcionados nesse diálogo corporal das crianças com a natureza e seus pares.

Podemos considerar as experiências ao brincar na/com a natureza como fonte de descoberta sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Uma forma possível de (re)conexão do corpo com a sua própria essência.

Na próxima seção, trago as minhas experiências na relação das crianças com a natureza e o brincar que aconteceram em um Espaço de Educação Infantil (EDI) no município do Rio de Janeiro.

4.1 Relatos de experiências com e na natureza: rememorando a minha prática

Na busca de fundamentar teoricamente a minha prática, busquei as fotografias do meu acervo pessoal de vivências com a turma, a fim de encontrar pistas que me ajudassem a dialogar com os estudos teóricos realizados para elaboração deste trabalho.

Inspirada nas vivências de brincar livre com/na natureza com a minha turma de crianças entre 2 e 3 anos de idade, nos anos de 2021 e 2022, apresento caminhos possíveis para um cotidiano na Educação Infantil que respeite os direitos das crianças em ter contato com o mundo natural.

As vivências ocorreram em um EDI da Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ), um espaço público, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

Diariamente as crianças tiveram oportunidades de vivenciar o brincar livre, fora da sala de aula, principalmente no pátio, no solário e nos demais espaços abertos possíveis dentro do ambiente escolar.

O EDI em questão possui um espaço muito favorável para as vivências em contato com a natureza. Diferente de muitas creches antigas da SME/RJ, esse EDI conta com dois solários, parquinho, horta, canteiro com flores em volta de todo o prédio e uma estrutura bem ampla.

Durante esses dois anos em que estive como professora da turma, observei o encantamento, a alegria e o prazer das crianças em estarem fora da sala de aula. As crianças ficavam envolvidas nas vivências durante todo o tempo e muitas vezes não queriam parar com a brincadeira.

Nas experiências não tinha nada direcionado, as crianças ficavam livres para explorar o espaço e os elementos da natureza presentes ali da maneira que quisessem. “A materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar [...]. Os quatro elementos habitam a imaginação, são um código de expressão da vida imaginária” (PIORSKI, 2016, p. 19).

Figura 1 – Experiências com flores e água

Fonte: A autora, 2021.

Brincar com as flores aguça a imaginação referente ao belo que a natureza nos proporciona. Na figura 1, podemos perceber a delicadeza como as flores são manipuladas. Essas flores foram recolhidas do chão no trajeto de casa até a unidade escolar, uma parceria com as famílias para contribuir com o brincar com/na natureza. Piorski (2016, p. 73) destaca que:

> Os brinquedos feitos de flora refletem a vida delicada de frutos e pétalas. Já a flora, feita brinquedo e transmutada no imaginar, refrata na alma o vasto campo da beleza [...] a imaginação mostra à criança que as formas da flora contêm as formas da vida e de todos os seres.

Experimentar a natureza vai ao encontro do que diz Schaefer (2020, p. 244) sobre a relação do corpo e o brincar livre: “o corpo se nutre e todas essas sensações, percebidas ou não, acontecem no brincar natural.”.

Assim como o corpo e o conhecimento não se separam, a natureza também não é separada dos seres humanos. Em nossa essência, somos natureza. Todos nós, crianças, adultos e idosos, deveríamos ter contato frequente com/na natureza, mas, principalmente, na infância, essas experiências deveriam estar garantidas de forma privilegiada e diária.

Louv (2016), apresenta em seu livro *A Última Criança na Natureza* sínteses de pesquisas que mostram o quanto é importante para a saúde das crianças o contato com a natureza. Louv (2016) traz pela primeira vez um conceito preocupante que é o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN). Esse conceito é bastante impactante! É praticamente impossível imaginar uma infância sem natureza. Diante desse atual cenário, Louv (2016, p. 57) enfatiza:

> Conforme o déficit de natureza aumenta, outro campo de evidências científicas indica que a exposição direta à natureza é essencial para a saúde física e emocional. Por exemplo, novos estudos sugerem que a exposição à natureza pode reduzir os sintomas do TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), e melhorar as atividades cognitivas e a resistência das crianças ao estresse e à depressão.

O contato com e na natureza desde pequeno é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Em 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) realizou uma publicação do Manual de Orientação enfatizando os benefícios do contato com a natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Esse manual é mais uma maneira de reafirmar a urgência de oportunizar diariamente esse direito – que é universal – de brincar na/ com a natureza. O Manual de Orientação (SBP, 2019, p. 4) destaca o papel da Educação diante dessa realidade:

> Em relação à educação, enfrentamos inúmeros desafios no sentido de oferecer uma experiência significativa e valiosa para o aluno. Um deles é a necessidade de refletirmos e requalificarmos as práticas, a organização, as rotinas e o tempo escolar, reconhecendo o brincar e o aprender com a – e na – natureza como um dos elementos centrais de uma educação vinculada com a própria vida. Brincar na areia, subir em árvores, construir cabanas e encontrar os amigos ao ar livre são experiências importantes que permitem estabelecer conexões positivas com a vida e com o outro. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de muitas crianças e adolescentes que hoje passam a maior parte do seu tempo em instituições escolares. É preciso agir para evitar o empobrecimento do repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar.

Desde pequenas, as crianças precisam estar em contato com o mundo natural, brincando e criando vínculos afetivos. Esses momentos geram bons

encontros com o que é natural e diversas possibilidades de interação que impactaram positivamente na vida e na saúde das crianças (LOUV, 2016).

Nessa lógica, é importante não perder de vista que, através do brincar livre e o contato com a natureza nos ambientes educacionais, as crianças vivenciam experiências fundamentais para o seu desenvolvimento, além de favorecer o brincar, como Schaefer (2021, p. 47) aponta:

> A proposta de tornar a natureza uma aliada da brincadeira registra nos corpos infantis experiências positivas, nos quais a aprendizagem acontece naturalmente, sem imposições que pressionem a criança a adquirir conhecimentos de maneira compulsória.

Dizer que as crianças tem contato com a natureza quando estão plantando feijão no algodão, por exemplo, é algo muito pequeno perto do céu que podemos observar diariamente, com a luz e o calor do sol, com o vento no rosto, como o ar que respiramos há todo momento, da água da chuva que podemos brincar, da água que bebemos e utilizamos na hora da higiene, no preparo do alimento etc. Também há que se considerar o respeito aos seres vivos em suas diferentes formas e modos de expressão, pois, para aproveitar o exemplo de plantar o feijão no algodão, há que observar que utilizamos a semente e a planta que nasce dela para mostrar o fenômeno do nascimento de uma vida, contudo, é feito de tal forma, que comunicamos às crianças que podemos dar vida a uma planta e tirá-la em seguida, já que é sabido que a planta vai morrer por estar em um algodão no lugar de estar se alimentando dos elementos orgânicos e necessários presentes na terra, onde ela deveria estar plantada.

Em contrapartida, quando em contato com o que é natural, as crianças brincam e criam vínculos afetivos com a natureza e essas experiências não podem ser opção dos professores, mas, sim, um direito das crianças a ser respeitado!

Assim, são nesses momentos que acontecem os bons encontros e afetos felizes, ou seja, experiências que potencializam e ampliam as possibilidades das interações entre as crianças, seus desejos e vontades.

Figura 2 – Observando o céu

Fonte: A autora, 2022.

Figura 3 – Brincando com a luz o sol

Fonte: A autora, 2021.

Temos muitos recursos vivos e de graça dentro dos espaços escolares. Não precisamos ficar reféns de brinquedos comercializados e eletrônicos. A figura 2 mostra exatamente isso, as possibilidades de observar o céu com rolinhos de papel higiênico e pequenos carretéis, como brincar com as nuvens, observar suas cores e formas, levantar hipóteses, imaginar cenas e personagens**.**

Na figura 3, temos as crianças brincando com a luz do sol e pedaços de papel celofane coloridos. As crianças ficaram admirando o colorido no chão por bastante tempo. Com a luz do sol, recurso vivo e gratuito, podemos criar diversas possibilidades de exploração.

Figura 4 – Brincadeiras com a água

Fonte: A autora, 2022.

A figura 4 vai ao encontro das ideias de Paula e Ricardo (2022, p. 73), quando abordam que “Os materiais de origem natural são vivos em texturas e em temperatura, despertando a sensorialidade das crianças.”.

Figura 5 – Experiências com a água

Fonte: A autora, 2021.

As brincadeiras com água são bastante significativas e prazerosas, nos remete à relação entre a vida e os corpos. Nós, seres humanos, temos uma grande relação com a água. A maior parte do nosso planeta é composta por água e o nosso corpo também. Como afirma Schaefer (2020, p. 235), “é possível entender a relação próxima que temos com a água.”.

Na figura 5, as crianças estão explorando a água, criando diversas possibilidades de exploração. Foram colocadas no chão duas bacias com água

e alguns brinquedos e copos. Não houve nada direcionado, mas, só em olhar os materiais, as crianças começaram a brincadeira.

Proporcionar uma educação que promova a sustentabilidade, mas partindo do conhecimento da natureza que está presente em nós e ao nosso redor, é de suma importância, principalmente nos dias atuais, em que cada dia mais, por questões até mesmo de segurança, estamos vivendo dentro de espaços fechados.

Figura 6 – Bons encontros na água

Fonte: a autora, 2022.

A figura 6 mostra as crianças brincando com a água após uma atividade em que foram convidadas a desenhar com tinta guache nos azulejos. Elas usaram água para limpar o corpo e brincar. Exploraram a água, o corpo e o ambiente. “Para a imaginação das coisas materiais, no brincar, todo o corpo é espaço de ser, é território ôntico, de vida interior, moldando as primícias íntimas da criança” (PIORSKI, 2016, p. 74).

Quando falamos de perceber a relação da natureza no nosso corpo, estamos falamos em Psicomotricidade, porque é nessa relação com o ambiente, com o nosso corpo, com outros corpos, com a nossa respiração, nosso

caminhar, com o nosso agir, que estamos nos comunicando corporalmente. Bazilio e Schaefer (2021, p. 45) enfatizam que:

> Quando estamos em contato com ambientes naturais, nos percebemos parte desse ambiente e, portanto, nos conectamos com a nossa própria essência, o que nos possibilita revisitar nossa imagem corporal de forma a potencializá-la diante da intimidade do corpo com o que o compõe.

O contato com a natureza proporciona o desenvolvimento de potencialidades motoras, sensoriais e perceptivas. Precisamos aproveitar o espaço das instituições educacionais de Educação Infantil para (re)aprender com as crianças como lidar com o que é natural e assim contribuir para o desenvolvimento das crianças. Nessa perspectiva, o desafio de cumprir o que a lei define como direito das crianças implica o oferecimento de creches e pré-escolas que contribuam para ampliar a potência dos corpos.

As formas de organização das rotinas e os modos de relação entre adultos e crianças precisam estar pautados em uma ética que seja a favor das crianças e suas reais necessidades. Um caminho de favorecer bons encontros é o de possibilitar o contato permanente com o mundo natural, tempo e espaços para a brincadeira ao ar livre. Tiriba (2022, p. 252) contribui com essa reflexão:

> Se desejamos transformar creches e pré-escolas em espaços que contribuam para a saúde física e emocional das crianças, será necessário investir na descoberta e na valorização dos espaços ao ar livre [...] porque esses são os espaços em que as crianças fazem bons encontros com o universo natural que está muito além de nós.

Figura 7 – Experiências com a Terra

Fonte: A autora, 2022.

As experiências com a terra também costumam ser agradáveis e bem aceitas pelas crianças, como mostra a figura 7. No caso das crianças da minha turma, nunca aconteceu de uma criança desejar ficar de fora nas brincadeiras com terra. No início, algumas crianças ficavam desconfiadas, a terra causava estranhamento para elas, que durava pouquíssimo tempo. Como afirma Piorski (2016, p. 20), “A imaginação telúrica é iniciática na vida do brincar [...] são brinquedos da terra todas as representações ou mimeses da vida social”.

Brincar com a terra também faz parte da nossa essência, pois “Somos formados pelas mesmas substâncias da terra” (SCHAEFER, 2021, p. 92). As crianças estão sempre pedindo experiências com a terra e esses momentos geraram experiências que ficaram marcadas no meu corpo e, pelo que percebi, também no corpo das crianças.

Brincar com a terra e com a água gerou muitos questionamentos entre os educadores da minha Unidade Escolar. Enfrentei muitos olhares de reprovação diante das experiências. Por incrível que parece, as experiências com os elementos naturais tiveram mais reprovação pelos educadores do que pelas famílias das crianças. A maioria dos educadores falam que as experiências desse tipo dão muito trabalho e demandam muito tempo. Outros falaram que, se alguma criança aparecesse doente, as famílias iriam me culpar. Esses tipos de comentários ainda são bastante comuns nos ambientes escolares.

Schaefer (2020, p. 238) traz a seguinte afirmação:

> Ainda é comum ouvir nas escolas que a terra e água causam doença. Escutamos que a terra causa alergias e problemas respiratórios, e, assim, vemos educadores e familiares preferirem expor as crianças a um ambiente fechado, com aparelho de ar condicionado (muitas vezes sem a manutenção de limpeza adequada) do que a um ambiente natural.

As reuniões de responsáveis são ótimos momentos para conversas com as famílias sobre as propostas pedagógicas e desenvolvimento da turma. Aproveitei uma dessas reuniões e conversei com os pais sobre a importância desse contato das crianças com o mundo natural, tanto dentro quanto fora do espaço escolar. Mostrei fotos das crianças nessas vivências e também uma entrevista da professora Lea Tiriba ao Projeto Criança e Natureza (2017) sobre o desemparedar dentro das escolas e a importância do contato com a natureza. Os responsáveis adoraram saber que as crianças estavam experimentando coisas que eles faziam na infância e ficaram encantados com as fotografias. O que mais me chamou à atenção foi a resistência por parte de alguns educadores.

A figura 8 e 9 mostram o encantamento das crianças com uma minhoca que encontramos próximo há um canteiro com flores no caminho do parquinho da Unidade Escolar. As crianças ficaram encantadas com a minhoca e logo surgiram muitas perguntas. As crianças também criaram muitas hipóteses sobre como aquela minhoca chegou até ali. Ficamos bastante tempo observando e

conversando sobre a minhoca e logo depois, por sugestão das próprias crianças, colocamos a minhoca na terra novamente, para que ninguém acabasse pisando no animal.

Figura 8 – O encontro com a minhoca

Fonte: A autora, 2022.

Figura 9 – A minhoca

Fonte: A autora, 2022.

O encontro com a minhoca rendeu conversas ao longo da semana. Aprendemos como se escreve minhoca, observamos imagens de minhocas, fizemos minhoca de massinha, cada criança desenhou a sua minhoca e, através do jogo simbólico, realizamos a corrida das minhocas e resolvemos imitar como as minhocas rastejam pelo chão. Foi assim que realizamos vivências alegres, cheias de sentidos e afetos.

Experiências assim com a natureza são importantes para o desenvolvimento das crianças. É no contato com as plantas, insetos, minhocas, com o ar e com o fogo que as crianças aprendem a cuidar de si, do outro e do lugar onde vivemos. São experiências como essas, que não cabem em uma folha de papel, que alimentaram os desejos das crianças.

Portanto, cabe aqui uma reflexão importante a partir de uma afirmação de Tiriba (2022, p. 201) em diálogo com este estudo: “cuidar das crianças significa mantê-las em contato com o universo natural”. Pensando nisso, como nós educadores temos cuidado das nossas crianças?

Figura 10 – Brincando com as poças de água da chuva

Fonte: A autora, 2021.

Os dias chuvosos costumam ser mais difíceis para estar com as crianças ao ar livre, mas nem por isso deixamos de explorar a natureza nesses dias. Em

um desses momentos, as crianças observaram a chuva pela janela da sala. Abri as janelas e deixei que elas colocassem a mão para fora para sentir as gotinhas da água da chuva e o cheirinho de terra molhada. As crianças fizeram uma festa nesse momento. Logo depois, descemos para almoçar e logo elas avistaram o corredor todo molhado. Umas das crianças falou que o corredor estava cheio de poças de água. Duas crianças perguntaram se podiam ver as poças de pertinho e assim fomos. Chegando lá, a primeira coisa que elas fizeram foi pular na poça. Elas pularam bastante e depois falaram que estavam muito felizes.

Como foi prazeroso ver a alegria dessas crianças brincando nas poças de água! Enquanto elas pulavam, lembrei que quando era criança eu também adorava pular nas poças depois da chuva. Ao ver a satisfação delas com aquela experiência, eu retomei a minha memória afetiva da infância e foi prazeroso para mim também lembrar daquele momento. Espero que, assim como eu, elas não se esqueçam da alegria desse momento.

Figura 11 – Brincando com a sombra

Fonte: A autora, 2022.

Dizer sim às vontades do corpo é respeitar os direitos das crianças, pois uma escola comprometida com uma transformação social, que tenha a qualidade de vida como perspectiva, dirá sim às verdades do corpo (TIRIBA, 2022).

Brincar com as sombras é uma brincadeira presente praticamente em todos os dias. Através da sombra, as crianças estão aprendendo sobre o seu

corpo e seus movimentos, além de permitir um potente espaço de criação e expressão. Cada criança é encorajada a se expressar livremente e, assim, vai contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de cada uma. Cada vez que as crianças brincam com a sombra, elas brincam diferente. É brincando, é experimentando, que as crianças constroem a noção corporal.

De acordo com a Associação Brasileira de Psicomotricidade, “Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização.”.

A Psicomotricidade Relacional “dá ao corpo todo o seu protagonismo, um corpo que contém e produz aquilo que somos e que temos” (MASTRASCUSA; FRANCH, 2016, p. 28). Isso é importante para as crianças porque valoriza as suas potencialidades e capacidades. Tudo é atravessado pelo movimento, ele é a mola propulsora de todas as aprendizagens e a expressão natural do corpo que vive, que sente, que se emociona e que pensa.

É através do brincar livre, dos movimentos, que as crianças carregam suas experiências. O corpo é vivo e precisa estar em constante movimento. As crianças gostam de brincar, correr, pular, dançar, rolar, de colocar o corpo para se mexer. Esse é um impulso vital que é natural da criança. Mas, infelizmente, “o corpo da criança, em seus movimentos, tenta a todo momento fugir das correntes que teimam em lhes amarrar” (SILVA; LÓPEZ-LÓPEZ; THOMAZ, 2020, p. 38).

A educação não se restringe a conteúdos. O conhecimento mais potente é o afeto, são as experiências. Nossos corpos são carregados de experiências. É por isso que precisamos caminhar para a construção de uma Educação Infantil viva e brincante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática “brincar livre e Natureza” tem cada vez mais ocupado estudos na área da Pedagogia, da Saúde, da Neurociência e da Psicomotricidade.

Com o estudo realizado e com as contribuições dos autores aqui citados como referência, foi possível mostrar que o brincar em ambientes naturais favorece o desenvolvimento integral das crianças.

Nosso corpo é natureza. Nós, seres humanos, temos o desejo de nos aproximar com outras formas de vida no planeta porque faz parte da nossa própria existência. Brincar na natureza é se conectar com o próprio corpo.

Ressalto neste trabalho como é importante olhar as práticas pedagógicas sob o olhar da Psicomotricidade.

O corpo fala durante as brincadeiras, em especial, quando estão brincando livremente. A Psicomotricidade tem um lugar importante no contexto educacional, principalmente na Educação Infantil.

As Unidades de Educação Infantil são espaços potentes e carregados de diversidades que nos convidam a vivenciar ricas e novas experiências que poderão ficar marcadas para sempre na memória das crianças. São espaços privilegiados de brincar, explorar, viver, criar vínculos e experimentar possibilidades de ação e criação.

É de suma importância que as crianças, dentro das Unidades de Educação Infantil, vivenciem as práticas psicomotoras e tenham contato com a natureza desde pequenas. Brincar com/na natureza permite que as crianças se desenvolvam com mais qualidade de vida, trazendo benefícios tanto para a saúde física quanto para a saúde mental das crianças.

As Unidades Escolares carregam marcas de um corpo que é constantemente controlado e silenciado. É preciso assegurar a esse corpo o seu lugar de potência na busca de um corpo saudável. Dizer sim às vontades dos corpos das crianças é estar comprometido com uma educação de qualidade. É preciso acolher os desejos das crianças e suas necessidades.

As experiências compartilhadas nesse trabalho foram embasadas e confirmadas nos estudos aqui apresentados. É necessário continuar pesquisando e aprofundando os estudos sobre essa temática, que foca na relação entre a natureza, o brincar e o desenvolvimento das estruturas

psicomotoras. Tais estudos precisam estar presentes nas discussões sobre o cotidiano da Educação Infantil.

Ainda temos muito o que caminhar, em face de tudo o que foi exposto neste trabalho. É possível, sim, promover bons encontros e desemparedar as nossas crianças dentro dos espaços de Educação Infantil, basta acreditar na potência do brincar livre e das relações das crianças com o ambiente, com os seus pares e com seus próprios corpos.

Essa dialogia entre a Psicomotricidade e a Educação Infantil merece um olhar mais atento. O cotidiano da Educação Infantil alinhado com as práticas psicomotoras e com o contato com a natureza traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral das crianças.

Finalizo este estudo, concluindo que precisamos das práticas psicomotoras na relação com a natureza dentro dos espaços de Educação Infantil para as nossas crianças. É muito mais que apenas brincar com/na natureza; é o desejo de contribuir para o desenvolvimento integral de crianças alegres, saudáveis e potentes na vida.

REFERÊNCIAS

BAZILIO, Mayara; SCHAEFER, Katia Bizzo. Crianças em ambientes naturais nas escolas de Educação Infantil: por corpos potentes e saudáveis! In: **Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza.** OLIVEIRA, Adriana Amaral de; VELASQUES, Bruna Brandão; OLIVEIRA, Mônica Maria de Souza de (Orgs.). E-Book. Iguatu, CE: Quipá, 2021.

BRASIL. Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB 5/2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, p.18. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.phpoption=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 out.2023.

GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). **Pesquisa, a Alteridade e Experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvy, 2019.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MASTRASCUSA, Celso; FRANCH, Nuria. **Corpo em movimento, corpo em relação**: Psicomotricidade Relacional no ambiente educativo. São Paulo: Conquista: Evangraf, 2016.

PAULA, Edna Paula de; RICARDO, Karoline Hachler. Desenvolvimento das crianças em contato com a natureza: vivências cotidianas da escola de Educação Infantil Criança Vida. In: **Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza.** OLIVEIRA, Adriana Amaral de; VELASQUES, Bruna Brandão; OLIVEIRA, Mônica Maria de Souza de (Orgs.). E-Book. Iguatu, CE: Quipá, 2021.

PERROTTA, Camila da Silva. **O encontro da criança consigo, com o outro e com o mundo a partir do meu olhar sobre mim, o outro e o mundo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio De Janeiro, 2019.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

QUINTÃO, Clara De Oliveira Jucá. **O brincar na escola em ambientes naturais sob o olhar psicomotor**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão E Cultura, Rio De Janeiro, 2019.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria; ALANA, Instituto. **Manual de orientação:** benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/beneficios-da-natureza-no-desenvolvimento-de-criancas-e-adolescentes/. Acesso em: 10 set. 2023.

SCHAEFER, Katia Bizzo. Corpos de e terra e de água: Por uma identidade terrena no ambiente escolar. In: **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Educação: Corpo em Movimento II. V.6.N.1. 2020. Disponível em: https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45880/32175. Acesso em: 20 out.2023.

SCHAEFER, Katia de Souza e Almeida Bizzo**. O corpo como vontade de potência no cotidiano escolar.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Corpora, 2021.

SILVA, A. L. R.; LÓPEZ-LÓPEZ, M. A.; THOMAZ, R. S. A. B. Natureza: corpo, arte e infâncias. IN: DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira (ORG.). **Relação sociedade-natureza, saúde e educação**: reflexões multidisciplinares. Crato, CE: Quipá, 2020. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/583436/1/LIVRO%20SOCIEDADE%20NATUREZA.pdf. Acesso em: 11 out. 2023.

SUSANO, Cristiane Clemente. Afeto como experiência psicomotora na educação infantil a partir do brincar na/com a natureza. In: ALVES, Ricardo Carlos Santos; SCHAEFER, Katia de Souza e Almeida (Orgs.). **O olhar psicomotor na educação**. Curitiba: CRV, 2019.

THOMAZ, Raianne da Silva Alves Bernardo. **Infância, Natureza e Afetos:** O “Desemparedamento” e as vivências no pátio da Educação Infantil do Colégio de Aplicação da UFRJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Psicomotora) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2019.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

TIRIBA, Lea. **Entrevista ao Projeto Criança e Natureza**. 2017. Disponível em: https://youtu.be/CB1qg43k05A?si=3PwfTb3LgJjyLwr . Acesso: 10 set. 2023.

WINNICOTT, Donald Woods**. O brincar e a realidade**. Tradução de Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019.